

RESSALVA

Atendendo a solicitação do(a) autor(a), Bruna Neves Pellegrini, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 28/02/2027.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
CAMPUS BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

BRUNA NEVES PELLEGRINI

**A PERFORMANCE COMUNICACIONAL DE *O CONTO DA AIA* COMO
ACONTECIMENTO NA DISPUTA POR DIREITOS REPRODUTIVOS NO BRASIL**

BAURU - SP
2026

BRUNA NEVES PELLEGRINI

**A PERFORMANCE COMUNICACIONAL DE *O CONTO DA AIA* COMO
ACONTECIMENTO NA DISPUTA POR DIREITOS REPRODUTIVOS NO BRASIL**

Tese apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação
Orientadora: Larissa Maués Pelúcio Silva.

**BAURU - SP
2026**

Pellegrini, Bruna Neves.

A performance comunicacional de O Conto da Aia como acontecimento na disputa por direitos reprodutivos no Brasil / Bruna Neves Pellegrini.

- Bauru, 2026

222 f. : il.

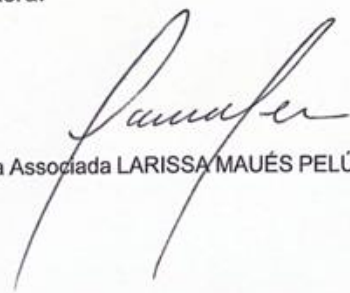
Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2026.

Orientadora: Larissa Maués Pelúcio Silva.

1. Direitos Reprodutivos no Brasil. 2. Protestos Feministas. 3. Performance comunicacional. 4. O Conto da Aia. 5. Análise do Acontecimento. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE BRUNA NEVES PELLEGRINI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 27 de fevereiro de 2026, às 14h, no(a) Via <https://meet.google.com/ytz-gsvs-rsc>, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de BRUNA NEVES PELLEGRINI, intitulada "A performance comunicacional de O Conto da Aia como acontecimento na disputa por direitos reprodutivos no Brasil ". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Associada LARISSA MAUÉS PELÚCIO SILVA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Pró-reitoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade / UNESP / Reitoria - RUNESP, Professora Doutora MICHELLE ROXO DE OLIVEIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Jornalismo / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professora Associada CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professora Doutora ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES (Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social / Universidade Federal de Minas Gerais, Professora Doutora ADRIANA DA ROSA AMARAL (Participação Virtual) do(a) Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-graduação Comunicação / Universidade Federal Fluminense, Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Professora Associada LARISSA MAUÉS PELÚCIO SILVA

IMPACTO DA TESE ESPERADO NA SOCIEDADE

Esta tese contribui para metas da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas ao fomentar o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos em um contexto de avanço de agendas conservadoras que buscam restringir direitos historicamente reivindicados pelos movimentos feministas. Alinha-se, especialmente, aos ODS 5 (Igualdade de Gênero) e 10 (Redução das Desigualdades). Como contribuição original, articula a metodologia da Análise do Acontecimento com os aportes teóricos de Judith Butler sobre performance e enquadramento, propondo uma leitura comunicacional dos protestos inspirados na estética de *O Conto da Aia*.

EXPECTED IMPACT OF THE THESIS ON SOCIETY

This thesis contributes to the goals of the United Nations 2030 Agenda by fostering debate on sexual and reproductive rights in a context marked by the rise of conservative agendas that seek to restrict rights historically claimed by feminist movements. It is particularly aligned with SDG 5 (Gender Equality) and SDG 10 (Reduced Inequalities). As an original contribution, it articulates the Event Analysis methodology with Judith Butler's theoretical contributions on performance and framing, proposing a communication-based interpretation of protests inspired by the aesthetic of *The Handmaid's Tale*.

À minha mãe, Luciana, uma grande e inspiradora mulher.

AGRADECIMENTOS

O doutorado foi a etapa mais desafiadora da minha trajetória profissional até aqui. Conciliar a dedicação necessária para um curso desse porte, em outro estado, com a minha jornada de trabalho intensa como docente parecia ser uma conta que não fechava. Por sorte, nunca fui boa em contas e ela está fechando!

Lembro-me das primeiras viagens solitárias para Bauru/SP, das noites frias na rodoviária, de voltar para casa sem saber se conseguiria seguir em frente... E então me lembro do apoio incondicional daqueles que estiveram ao meu lado ao longo desses (mais de) quatro anos. Sorte mesmo é ter essas pessoas.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Luciana, que me estimula aos estudos desde que me conheço por gente, que sempre me apoiou a seguir com o doutorado, que nunca mediu esforços para me ajudar a alcançar meus objetivos e que é a primeira a aplaudir minhas conquistas. Obrigada por me dar suporte, colo e ânimo.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Ramon, que, quando eu ainda não tinha um projeto de pesquisa e não me sentia capaz para prestar o processo seletivo, me encorajou a tentar e permaneceu ao meu lado, de braços abertos, durante todo esse processo.

Agradeço ao meu irmão, Lucas, pela escuta atenta e por sempre me ajudar com as traduções para o inglês. Ao meu tio Valdo, por se mostrar interessado pelos meus estudos e vibrar com minhas vitórias. À Marília Ferraz, pelas longas conversas e pelo apoio desde o início deste percurso. Ao meu gato, Boni, por trazer leveza e alegria para minha vida.

Às minhas grandes amigas, Guilherme, Fernanda, Maria Pia e Nabila, agradeço pelo incentivo e pelos tão importantes momentos de descontração. Aos pares que a academia me trouxe, especialmente Ana Paula Furlan, Elisa Maranhão, Tácia Rocha, Thiara Stivari, Thiago Ramari e Ronaldo Nezo, pela troca de experiências, pelas conversas significativas e por me lembrarem de que tudo passa.

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Larissa Pelúcio, pelo comprometimento com a pesquisa, disponibilidade para o diálogo, por toda paciência e dedicação ao longo desses anos.

Ao Silvio Carlos Decimone, da Seção Técnica de Pós-Graduação, pela agilidade e objetividade no atendimento e nas respostas aos meus e-mails.

À Prof.^a Dr.^a Ângela Marques e à Prof.^a Dr.^a Michelle Roxo de Oliveira, agradeço pelas contribuições tão valiosas na banca de qualificação e, novamente, por aceitarem compor a banca na defesa. Às professoras Dr.^a Adriana da Rosa Amaral e Dr.^a Caroline Kraus Luvizotto, agradeço por integrarem a banca de defesa e por contribuírem com esta etapa final.

Agradeço a todos os professores e professoras que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si comigo. Àqueles que contribuíram para minha formação, tanto profissional quanto humana, e ampliaram meus horizontes.

Agradeço, especialmente, ao Prof. Dr. Muriel Amaral por ter despertado em mim o interesse pela pesquisa ainda na graduação, em 2013, e por seguir presente em minha trajetória acadêmica com tanta generosidade.

Às minhas alunas e aos meus alunos, que talvez não se deem conta, mas que, com tanto afeto e reconhecimento, contribuíram para que eu acreditasse em minha capacidade.

Por fim, agradeço a tantas autoras incríveis, inspiradoras e estimulantes que me fazem querer refletir, pesquisar e escrever... Mais do que isso, me fazem acreditar na possibilidade de uma sociedade melhor e mais justa.

Muito obrigada!

Nolite te bastardes carborundorum
Não deixe que os bastardos te derrotem.

(Margaret Atwood, O Conto da Aia)

RESUMO

A pesquisa aborda a luta por direitos sexuais e reprodutivos no Brasil e a repercussão midiática de protestos feministas como parte da resistência à ofensiva antrigênero. O foco recai sobre as manifestações que mobilizam a estética do seriado *O Conto da Aia*, como performance comunicacional, para reivindicar direitos reprodutivos, buscando compreender por que essa narrativa é acionada no Brasil, entre 2018 e 2025, e como ela dialoga com cenários nacionais e transnacionais. A metodologia da Análise do Acontecimento permite compreender os protestos como momentos significativos que atualizam a agenda feminista, articulando práticas, discursos e contextos sociopolíticos específicos. O enquadramento jornalístico das manifestações é analisado a partir de três eixos: mídia hegemônica, mídia especializada em gênero e mídia independente, com o objetivo de compreender a construção e a disputa de sentidos em torno desses atos. Em articulação a isso, a pesquisa também analisa a dimensão estético-performática das imagens dos protestos, considerando sua potência comunicativa e política. Com base no feminismo pós-estruturalista e na perspectiva da colonialidade do poder e do gênero, a análise problematiza a articulação entre as estéticas performáticas dos protestos e as dinâmicas locais e globais de poder, cultura e resistência, evidenciando como a narrativa de *O Conto da Aia* atualiza estratégias feministas no Brasil. Os resultados indicam que a estética de *O Conto da Aia* opera como uma performance política capaz de condensar debates complexos sobre direitos reprodutivos em uma linguagem visual, estabelecendo conexões simbólicas com uma agenda feminista transnacional e ampliando a visibilidade dessas reivindicações no espaço público. Observa-se também que essa performance leva os veículos midiáticos a explicar o fenômeno e seus significados, contribuindo para ampliar o debate público sobre direitos reprodutivos. Ao mesmo tempo, os enquadramentos midiáticos tendem a permanecer ancorados nas molduras oferecidas pela própria narrativa ficcional, deixando de dar visibilidade a dimensões estruturais que travessam a pauta reprodutiva, como desigualdades de raça e classe.

Palavras-chave: Direitos reprodutivos no Brasil; Protestos feministas; Performance comunicacional; *O Conto da Aia*; Análise do Acontecimento.

ABSTRACT

The research addresses the struggle for sexual and reproductive rights in Brazil and the media coverage of feminist protests as part of the resistance to the anti-gender offensive. It focuses on demonstrations that mobilize the aesthetics of *The Handmaid's Tale* as a communicational performance to demand reproductive rights, seeking to understand why this narrative has been invoked in Brazil between 2018 and 2025, and how it dialogues with national and transnational contexts. The methodology of the analysis of the event enables the understanding of protests as significant moments that update the feminist agenda by articulating specific sociopolitical practices, discourses, and contexts. The journalistic framing of these demonstrations is analyzed through three axes: mainstream media, gender-specialized media, and independent media, aiming to understand the construction and the dispute over meanings surrounding these acts. In connection with this, the study also examines the aesthetic-performative dimension of protest imagery, considering its communicative and political power. Grounded in post-structuralist feminism and in the perspective of the coloniality of power and gender, the analysis problematizes the relationship between the performative aesthetics of protests and the local and global dynamics of power, culture, and resistance, demonstrating how the narrative of *The Handmaid's Tale* updates feminist strategies in Brazil. The results indicate that the aesthetic of *The Handmaid's Tale* operates as a political performance capable of condensing complex debates on reproductive rights into a visual language, establishing symbolic connections with a transnational feminist agenda and increasing the visibility of these claims in the public sphere. It is also observed that this performance leads media outlets to explain the phenomenon and its meanings, thereby contributing to the expansion of public debate on reproductive rights. At the same time, media framings tend to remain anchored in the frameworks provided by the fictional narrative itself, failing to give visibility to structural dimensions that crosscut the reproductive rights agenda, such as inequalities of race and class.

Keywords: Reproductive rights in Brazil; Feminist protests; *Communicational performance*; *The Handmaid's Tale*; Event analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Conto da Aia, temporada 1, episódio 1.....	33
Figura 2 - Personagens Ofglen e June, em <i>O Conto da Aia</i> , temporada 1.....	79
Figura 3 - Esposa: Serena, Aia: Ofglen, Tia: Lídia.....	80
Figura 4 - “Trump não é bem-vindo” - Protesto na Polônia, em 2017.....	82
Figura 5 - Mapa global – Legalização do aborto.....	122
Figura 6 - Ativistas em protesto pela descriminalização do aborto/2018.....	134
Figura 7 - Grupo de Avós marcha com as Mães em maio de 1982 – Argentina.....	135
Figura 8 - Ativistas em protesto pela descriminalização do aborto/2018 (2).....	137
Figura 9 - Cena da segunda temporada de 'The Handmaid's Tale'.....	139
Figura 10 - Protesto na Ilha de Man/2017.....	141
Figura 11 - Protesto em Ohio/2017.....	142
Figura 12 - Protesto a favor da legalização do aborto em Buenos Aires/2018.....	146
Figura 13 - Cena da série The Handmaid's Tale.....	147
Figura 14 - Post – Slide 1 - Todas na Folha.....	149
Figura 15 - Post – Slide 2 - Todas na Folha.....	149
Figura 16 - Post – Slide 3 - Todas na Folha.....	150
Figura 17 - Post – Slide 4 - Todas na Folha.....	150
Figura 18 - Post - @DesenhosDoNando.....	152
Figura 19 - Bancada Feminista do PSOL/2024.....	155
Figura 20 - Bancada Feminista do PSOL – Cartaz “Fora Lira”/2024.....	156
Figura 21 - Bancada Feminista do PSOL – Cartaz “Arquiva já”/2024.....	157
Figura 21 - Manifestação na Argentina – Julho/2018.....	158
Figura 22 - Protesto contra PL Antiaborto por Estupro – São Paulo/ 2024.....	159

Figura 23. Protesto pró-direitos reprodutivos – São Paulo – 2024.....	161
Figura 24 - Marcha das mulheres na Califórnia – Janeiro/2019.....	162
Figura 25 - Britânicas-iranianas em manifestação/2024.....	163
Figura 26 - O Protesto das Aias na Filadélfia/2018.....	164
Figura 27 - Protesto em Varsóvia – Polônia - Novembro de 2022.....	165
Figura 28 - Manifestação na Praça dos Três Poderes em Brasília – 2018.....	167
Figura 29 - Post – Slide 1 – Portal Catarinas.....	170
Figura 30 - Post – Slide 2 – Portal Catarinas.....	170
Figura 31 - Post – Slide 3 – Portal Catarinas.....	171
Figura 32 - Post – Slide 4 – Portal Catarinas.....	171
Figura 33 - Post – Slide 5 – Portal Catarinas.....	171
Figura 34 - Personagem Janine – O Conto da Aia.....	173
Figura 35 - Ato contra o PL 1904/2024 - Rio de Janeiro, 2024.....	175
Figura 36 - “Festival pela vida das mulheres” - Brasília, 2018.....	177
Figura 37 - Ato em frente à sede do Partido Liberal - São Paulo, 2024.....	178
Figura 38 - Ato em frente à Câmara dos Deputados - Brasília, 2024.....	179
Figura 39 - Post – Revista Fórum – PL dos Estupradores.....	180
Figura 40 - @Desenhosdonando – Revista Fórum.....	181
Figura 41 - Post – Jornal Nota – “Imenso fruto”.....	184
Figura 42 - Post – Jornal Nota – “Um Brasil de Aias”.....	185
Figura 43 - Post – Slide 1 – Mídia Ninja – Protesto em Belo Horizonte.....	187
Figura 44 - Post – Slide 2 – Mídia Ninja – Protesto em Belo Horizonte.....	188
Figura 45 - Protesto em Brasília conta o PL 1904/1014 – Fora Lira!.....	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação quantitativa de publicações para a análise.....	55
Tabela 2 – Apresentação discriminada do material para a análise.....	59
Tabela 3 – Comparativo entre veículos – Eixo: Mídia Hegemônica.....	193
Tabela 4 – Comparativo entre veículos – Eixo: Mídia Especializada: Mulheres e Equidade de Gênero.....	196
Tabela 5 – Comparativo entre veículos – Eixo: Mídia Independente.....	199

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Enquadramentos da pesquisa: problema, objetivos e caminhos metodológicos.....	25
 2 CONSTRUÇÃO DO OLHAR ANALÍTICO: ENTRE COLONIALIDADE, NARRATIVA E PERFORMANCE.....	30
2.1 Corpo: Um Terreno A Ser (De)Colonizado.....	30
2.1.1 Direitos reprodutivos: um cenário de desigualdades.....	35
2.2 A Narrativa de <i>O Conto Da Aia</i> e Resistência Política.....	37
2.3 Do Corpo à Narrativa: Enquadramentos Midiáticos.....	43
 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	46
3.1 Análise do Acontecimento como Ferramenta Metodológica.....	47
3.1.1 Análise do Acontecimento: aplicabilidade e perspectivas interpretativas.....	52
3.2 Estratégias de Pesquisa e Delimitação do Objeto.....	54
3.3 Etapas e Eixos Temáticos para a Análise.....	61
3.3.1 A Estética da Performance.....	62
3.3.2 O Enquadramento Midiático.....	64
 4 CONTEXTOS SOCIOPOLÍTICOS E OFENSIVA ANTIGÊNERO.....	66
4.1. Ofensiva Antigênero: Desenvolvimento e Implicações.....	66
4.2 Neoconservadorismo, Neoliberalismo e Populismo: O Avanço da Ofensiva Antigênero no Cenário Contemporâneo.....	70
4.3 A Ascensão da Extrema-Direita No Brasil: Regressão nos Direitos Sexuais e Reprodutivos.....	83

4.3.1 Masculinismo, Patriarcado e a Política (Anti) Gênero: a construção discursiva bolsonarista.....	90
---	----

5 PELOS CORPOS DAS MULHERES: TRABALHO, SEXUALIDADE E DIREITOS REPRODUTIVOS.....98

5.1 Direitos Reprodutivos e a Divisão Sexual do Trabalho.....	98
---	----

5.1.1 “Um trabalho de amor”.....	101
----------------------------------	-----

5.1.2 Entre a colonização da sexualidade feminina e a construção sociocultural do gênero.....	110
---	-----

5.2 O Aborto e as Políticas de Controle sobre o Corpo Feminino: uma Perspectiva Transnacional.....	116
--	-----

5.3 Da Criminalização à Disputa Por Direitos: Aborto e Resistência Feminista na Legislação Brasileira.....	122
--	-----

6 ENTRE PERFORMANCES: O CONTO DA AIA NOS PROTESTOS FEMINISTAS.....132

6.1 O Acontecimento, a Narrativização e a Estética da Performance.....	133
--	-----

6.1.1 Mídia Hegemônica.....	133
-----------------------------	-----

6.1.1.1 <i>GI</i> : Mulheres usam roupas de “O conto da aia” em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília.....	133
--	-----

6.1.1.2 <i>BBC</i> : Por que a série <i>The Handmaid’s Tale</i> é relevante para os dias de hoje.....	140
---	-----

6.1.1.3 <i>Veja</i> : Distopia? Ataque ao Capitólio é estopim de ‘ <i>The Handmaid’s Tale</i> ’.....	144
--	-----

6.1.1 Mídia Especializada: Mulheres e Equidade de Gênero.....	148
---	-----

6.1.2.1 <i>Todas na Folha</i> : Entenda por que ‘O Conto da Aia’ inspirou campanha contra PL antiaborto.....	148
--	-----

6.1.2.2 <i>Marie Claire</i> : Com trajes de ‘O Conto da Aia’, parlamentares pedem arquivamento de projeto antiaborto por estupro em frente a sede do PL.....	153
--	-----

6.1.2.2.1 <i>Marie Claire</i> : Como ‘O Conto da Aia’ se tornou símbolo mundial de protestos em	
---	--

defesa ao aborto.....	158
6.1.2.2 <i>Portal Catarinas</i> : O governo de uma nação pode exercer controle sobre o corpo feminino com base em princípios religiosos?.....	169
6.1.2.2.1 <i>Portal Catarinas</i> : Madeline Brewer: os paralelos entre O Conto da Aia e a realidade.....	173
6.1.2.2.1 <i>Portal Catarinas</i> : 5 vezes que O Conto da Aia virou pauta no Brasil”.....	174
6.1.2 Mídia Independente.....	179
6.1.3.1 <i>Fórum</i> : “PL 1904/2024: o ‘Conto de Aia’ rumo à realidade distópica do Brasil”.....	179
6.1.3.2 <i>Jornal Nota</i> : “Um Brasil de ‘aias’: a distopia do mundo real acontece aqui”.....	183
6.1.3.3 <i>Mídia Ninja</i> : “Mulheres unidas para barrar homens que querem governar sobre nossos corpos!”.....	186
6.1.3.3.1 “Em Brasília, mulheres fazem ato contra PL que equipara aborto a homicídio”.....	188
6.2 O Enquadramento Midiático, Circulação e Normalização.....	191
6.2.1 O Enquadramento pela Mídia Hegemônica.....	192
6.2.2 O Enquadramento pela Mídia Especializada: Mulheres e Equidade de Gênero.....	194
6.2.3 O Enquadramento pela Mídia Independente.....	198
6.4 Resultados e Discussão.....	203
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
7.1 Contribuições Teóricas e Metodológicas Da Pesquisa.....	206
7.2 Reflexões Sobre O Cenário Político Brasileiro e os Direitos Reprodutivos.....	207
7.3 <i>O Conto Da Aia</i> como Performance Comunicacional.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	211

1 INTRODUÇÃO

Esta tese nasce, em um primeiro momento, inspirada pelas discussões da filósofa feminista Silvia Federici, que afirma que na sociedade capitalista o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência (Federici, 2017). Ao recontar a história do capitalismo, desta vez por uma perspectiva feminista, em *Calibã e a bruxa*, a autora (2017) explica como a instauração do novo modo de produção implicou em uma severa estratégia de colonização e domesticação dos corpos das mulheres, de modo a torná-los úteis aos interesses econômicos. Nesse processo, houve uma tentativa de submeter o corpo feminino - sobretudo o útero - a serviço do aumento populacional e da acumulação de força de trabalho.

No entanto, a partir de uma perspectiva pós-colonial, o corpo feminino se insere em uma lógica mais ampla de colonialidade, na qual as mulheres, particularmente aquelas em posições de subordinação racial e étnica, são tratadas como recursos a serem explorados, com seus corpos submetidos a um controle tanto econômico quanto sociocultural. A colonialidade do poder, conforme descrita por Anibal Quijano (2005), também se manifesta na imposição de uma normatividade de gênero e sexualidade alinhadas aos interesses coloniais, perpetuando as estruturas de poder dominantes.

A partir do entendimento dessa problemática, emergem as primeiras nuances desta pesquisa, que se propõe situar contemporaneamente uma pauta histórica do feminismo, que dialoga tanto com as gerações formadas pela segunda e terceira onda do movimento, quanto com as mais jovens: a autonomia das mulheres sobre seus corpos. Ou seja, direitos sexuais e reprodutivos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 55 milhões de abortos ocorreram entre 2010 e 2014 no mundo, sendo 45% destes considerados abortos inseguros.¹ África, Ásia e América Latina concentram 97% dos abortos inseguros (Cardoso *et al.*, 2020). No Brasil, um levantamento do Ministério da Saúde compila dados do procedimento realizado com autorização da Justiça entre 2018 e 2023, que demonstra crescimento de 71% em 5 anos. Em 2018, foram realizados 1.570 procedimentos, já em 2023, o número saltou para 2.687. No entanto, é importante observar que a alta no número de abortos legais segue o crescimento dos casos de estupro. Dados do Ministério de Justiça e Segurança Pública apontam

¹ Em 2025, as estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) referentes ao período de 2010 a 2014 são as mais recentes disponíveis sobre a incidência global de abortos inseguros.

que as vítimas de estupro cresceram de 71,6 mil em 2018 para 81,6 mil em 2023, o que equivale a uma alta de 14% (CNN Brasil, 2023).

Quanto aos abortos inseguros, os dados disponíveis são limitados devido à natureza clandestina dessa prática no Brasil. No entanto, entre 2012 e 2022, o país registrou uma morte a cada 28 internações por falha na tentativa de aborto. É importante destacar que mulheres não brancas têm mais que o dobro de risco de morrer em comparação às mulheres brancas (Rocha; Alves, 2023). Segundo a OMS, são considerados abortos inseguros aqueles procedimentos realizados por pessoas sem habilidades necessárias ou em ambientes sem padronização para a realização de procedimentos médicos, bem como a conjunção desses dois fatores. Vale lembrar que a criminalização do aborto é um fator determinante para a insegurança desses procedimentos, pois leis restritivas levam muitas mulheres a buscarem alternativas clandestinas e sem as condições adequadas para a realização do procedimento, exacerbando os riscos à saúde e à vida (OMS, 2022). Esses dados evidenciam a gravidade do problema do aborto inseguro no Brasil e seu impacto na saúde pública.

Além disso, mulheres negras e periféricas são afetadas de forma desproporcional pela criminalização do aborto no Brasil. Sua maior vulnerabilidade decorre de barreiras econômicas e da estrutura racializada da sociedade, que restringe o acesso a serviços de saúde e amplifica os riscos decorrentes da clandestinidade (Corrêa; Petchesky, 1996). Nesse contexto, a interseccionalidade, conceito que evidencia como diferentes eixos de opressão, como gênero, raça e classe, se entrelaçam e produzem desigualdades específicas, torna-se uma ferramenta essencial para compreender as dinâmicas estruturais que perpetuam essas desigualdades.

Antes de abordar a questão central desta tese, é importante retroceder no tempo para compreender o cenário sociopolítico que, desde a década de 1990, e de forma mais acentuada a partir de 2010, tem sido marcado por uma série de novos protestos contra o gênero enquanto categoria social e política. Esse contexto tem impactado a agenda feminista, além de representar uma ameaça a diversos avanços políticos e sociais relativamente recentes. Entre essas ameaças, destacam-se, no Brasil, algumas ofensivas legislativas no cenário brasileiro, como o Projeto de Lei 5.069/2013, que propõe aumentar as restrições ao aborto, dificultando o acesso ao procedimento legalmente permitido em casos específicos (como risco à vida da mulher ou anencefalia); o Projeto de Lei 6583/2013, que pretende limitar o conceito de família a união entre um homem e uma mulher, extinguindo outras variações, como das uniões homoafetivas; bem como o Projeto de Lei 1904/24, que equipara o aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, aumentando de 10 para 20 anos a pena máxima para mulheres, inclusive em casos de gravidez decorrente de estupro.

Estes retrocessos vêm acontecendo em vários países, e como tomam como alvo as discussões feministas e dos estudos de gênero que respaldam teoricamente as mudanças sociais e culturais recentes, o movimento tem sido chamado por várias autoras e autores de “ofensiva antigênero”, (Biroli, 2018; Corrêa, 2018; Miskolci, 2015; Junqueira, 2018 *et al.*). A ofensiva é caracterizada por ataques conservadores, por vezes de cunho religioso, e reage à democratização/pluralização dos gêneros, das sexualidades, às alterações das estruturas familiares e às mudanças na distribuição de direitos, que vão além da clássica pauta econômica que esteve historicamente restrita às questões de classe, e agora vêm abrindo espaço para tratar de desigualdades baseadas em gêneros, orientação sexual e raça. Ainda que essa onda tenha ganhado maior visibilidade a partir da década de 2010, especialmente na Europa e, posteriormente, na América Latina, o fenômeno já apresenta sinais a partir dos anos 2000 (Corrêa, 2018).

É nesse cenário que os feminismos seguem em processo de expansão e ressignificação. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, entre 2001 e 2010 houve um aumento significativo no número de brasileiras que se identificam como feministas, passando de 21% para 31%. Além disso, metade das mulheres, independentemente de se considerarem feministas ou não, possuem uma visão positiva do feminismo, associando-o principalmente à luta por igualdade de direitos, liberdade e independência das mulheres, e igualdade no mercado de trabalho. O estudo também aponta que as mulheres mais jovens são as que mais se declaram feministas, destacando-se as adolescentes de 15 a 17 anos (40%), seguidas pelas jovens de 25 a 34 anos (37%), enquanto apenas 23% das mulheres acima de 60 anos se identificam dessa forma (Perseu Abramo, 2010) (Gomes; Sorj, 2014).

Na segunda década do século XXI, é possível perceber que o ativismo de mulheres negras brasileiras ganhou mais visibilidade tanto nas redes sociais, quanto em programas televisivos de entretenimento, fomentando também uma efervescência de debates com base na interseccionalidade, ou seja, na tríade gênero-raça-classe (Rodrigues; Freitas, 2021). Nesse período, também ocorre uma expansão das discussões de gênero para além da academia, que gera um aumento expressivo do chamado *feminismo teen*, ativismo político de meninas e adolescentes em idade escolar (14 a 18 anos) (Santos, 2022).

Na América Latina, vêm ganhando destaque manifestações de rua pautadas especialmente pela luta por direitos sexuais e reprodutivos. Um exemplo disso, no Brasil, foi a chamada “Primavera Feminista”, como ficaram conhecidos os protestos de 2015, com origem no Rio de Janeiro, que utilizaram as mídias sociais para organização de ações relacionadas à violência contra as mulheres e à legalização do aborto (Brito, 2017).

Na Argentina, desde junho de 2018, uma série de protestos feministas mobilizou a sociedade com a pauta central da legalização do aborto, marcada por um movimento denominado *Onda Verde*. Na Colômbia, essa mesma onda de mobilizações se manifestou com força e, em fevereiro de 2022, a pressão dos movimentos feministas resultou na decisão da Corte Constitucional de descriminalizar o aborto até a 24ª semana de gestação, uma conquista impulsionada pelo ativismo do movimento *Causa Justa* - uma coalizão de organizações feministas, ativistas e profissionais da saúde que, desde 2018, lutam pela descriminalização do aborto no país. No México, o movimento também exerceu papel crucial, com protestos e campanhas que ajudaram a pressionar o Supremo Tribunal Federal, culminando na descriminalização do aborto em todo o país, em setembro de 2021, um marco histórico no avanço dos direitos sexuais e reprodutivos na região.

Assim, a *Marea Verde*² (*Onda Verde*) tem gerado resultados concretos em diversos países da América Latina: no Uruguai, o aborto foi descriminalizado em 2012; na Argentina, passou a ser legalizado em 2020 e no Chile, em 2021. Segundo a ONG Centro para Direitos Reprodutivos, a legalização do aborto já foi regulamentada em 77 países ao redor do mundo, com limites gestacionais que variam, geralmente, entre 10 e 14 semanas (Jordão, CNN, 2024).

Enquanto isso, no Brasil, o aborto ainda é criminalizado. De acordo com o capítulo 5 do Código Penal (Arts. 124 a 128), a prática acarreta pena de um a três anos de prisão, sendo permitida apenas em casos específicos: (1) quando a gravidez é decorrente de estupro, (2) quando oferece risco à vida da mulher e (3) em casos de anencefalia do feto. A pauta voltou ao debate público no país em 2023, quando a descriminalização do aborto até a 12ª semana de gravidez começou a ser julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 22 de setembro. A então presidente do STF, ministra Rosa Weber, deu um voto favorável ao processo³. No entanto, o julgamento, que estava sendo realizado de forma virtual, foi suspenso. Em outubro de 2025, antes de se aposentar, o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Luís Roberto Barroso, também votou pela descriminalização do aborto voluntário nas primeiras 12 semanas de gestação, contabilizando o segundo voto no STF. Para a aprovação, ainda é necessário formação de maioria entre os 11 ministros.

² O termo *Marea Verde* (em português, “Maré Verde” ou “Onda Verde”) refere-se ao movimento feminista argentino em defesa da legalização do aborto. Os lenços verdes identificam a maré como um só corpo e são o elo intergeracional que reorganiza as lutas femininas na Argentina. Os lenços verdes, por sua vez, remetem aos lenços brancos usados pelas Mães e avós da Praça de Maio, movimento de mulheres que atuam desde a época da ditadura militar argentina buscando ativamente informações sobre os filhos e netos desaparecidos durante o regime militar e pressionando pela responsabilização dos culpados (Netto et al., 2021).

³ Matéria completa disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/legalizacao-aborto-debate-publico-julgamento-stf>>. Acesso em 14 dez. 2023.

Os argumentos favoráveis à descriminalização do aborto tratam “da saúde reprodutiva e da alta mortalidade de mulheres, em particular, das classes mais pobres, que recorrem a abortos clandestinos” (Costa *et al.*, 2018, p. 5). Além disso, na perspectiva feminista, existe a compreensão de que as mulheres devem ter autonomia sobre seus corpos (Costa *et al.*, 2018). No entanto, no Brasil, conforme ressaltam Sandra Barreras e Maria Helena Weber (2014, p. 03), “a promoção da pauta aborto no debate público tem sido controlada por impedimentos morais, religiosos e políticos e transformados em publicidade (para as instituições religiosas) ou em silenciamento pelo governo.”

O princípio religioso católico, por exemplo, defende que desde o momento da concepção existe uma vida. Dessa forma, consideram a interrupção da gravidez, em qualquer momento da gestação, como um ato homicida (Barreras; Weber, 2018, p. 04). Os evangélicos, que seguem a mesma linha de pensamento, formam um grupo numeroso da política nacional⁴ desde a segunda década do século e vem se organizando para assegurar o aborto como prática criminosa. O Estatuto do Nascituro⁵, um Projeto de Lei que tramita na Câmara dos Deputados desde 2007, é um exemplo da tentativa de eliminar todas as possibilidades já garantidas de aborto legal. O PL defende embriões, fetos, ou nascituro – como pretende conceituar os seres concebidos, mas ainda não nascidos - como uma pessoa (Potech, 2013). Em seu texto original, propunha, inclusive, proibir o congelamento, descarte e comércio de embriões humanos.

Em meio a este cenário político descrito até aqui de forma ligeira, mas que será aprofundado ao longo da tese, em 2017, foi lançado o seriado televisivo *The Handmaid's Tale*, traduzido para o português como *O Conto da Aia*. A série foi criada por Bruce Miller e é uma adaptação do livro homônimo, de 1985, escrito pela romancista canadense Margaret Atwood.

⁴ Em 2024, o Congresso Nacional contava com 132 deputados e 14 senadores da bancada evangélica. Na comparação com a composição anterior (112 deputados e 11 senadores), o aumento é de quase 19%. Na formação atual, pouco mais de 25% da Câmara é integrante da bancada; no Senado, esse número corresponde a 17%. Leia mais em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/bancada-evangelica-congresso-tera-recorde-membros-proxima-legislatura/>>. Acesso em 27 mar. 2024.

⁵ Em 2007, os então deputados federais Luiz Bassuma (naquele momento filiado ao Partido dos Trabalhadores-BA) e Miguel Martini (já falecido, filiado ao Partido Humanista da Solidariedade-MG), apresentaram à Câmara dos Deputados Projeto de Lei que dispõe sobre o Estatuto do Nascituro, que recebeu o nº 478/2007. Com o primeiro projeto de lei, o texto propunha modificar o Código Penal para que o aborto fosse considerado crime hediondo e proibido em todos os casos, além de proibir o congelamento, descarte e comércio de embriões humanos. No entanto, o PL já sofreu diversas alterações. O novo texto foi proposto pela deputada Solange Almeida (MDB-RJ), que não altera o código penal e não aborda as questões referentes ao congelamento e comércio dos embriões. O PL foi aprovado na Comissão de Seguridade Social e Família em junho de 2013. Em seguida, o estatuto do nascituro seguiu para que a Comissão de Constituição e Justiça possa analisa-lo, onde permanece até hoje aguardando o parecer do Relator para que possa seguir para votação no Plenário.

No ano de sua primeira temporada, o seriado foi destaque com maior audiência no canal Hulu, onde foi lançado (Araújo, 2023, p. 45). No Brasil, já foi disponibilizado em diversas plataformas de assinatura, como: Prime Vídeo, Globo Play e Star +. Em 2025, foi lançada sua sexta e última temporada.

De acordo com Araújo (2023), em entrevistas a portais de notícias, Miller, roteirista e idealizador do projeto, menciona alguns fatos que contribuem para a construção da adaptação de *O Conto da Aia* em formato de seriado televisivo:

O diálogo com questões políticas e na experiência e na dor de ser mulher. Sua inspiração para a escrita começou em um período anterior às eleições primárias nos EUA, que consiste na votação dos candidatos que irão concorrer ao cargo de presidente pelos partidos democrata e republicano norte-americano. A questão política se aproximando fez com que o produtor refletisse sobre o funcionamento do Estado e governo. Diante disso, as preocupações de Bruce se centraram em torno da experiência do espectador ao assistir a série. Por mais que as temáticas abordadas dentro da distopia causem controvérsia, isso não pode afetar o conteúdo e sua receptividade no público, ao contrário, tem que despertar a sensação de querer continuar assistindo os próximos episódios e saber os desfechos. (Santos; Santana, 2020, p. 13).

A fórmula demonstrou surtir bons resultados, pois a primeira temporada rendeu oito prêmios de *Emmy Internacional*⁶, incluindo *Melhor Série Dramática* e *Melhor Atriz em Série Dramática* para Elisabeth Moss, ambos em 2017 (Duarte, 2021). Além disso, a produção tornou-se um marco cultural, sendo frequentemente referenciada em contextos sociopolíticos que geram indignação pública (Santos; Santana, 2020, p. 11). Para Maciel Santos e Gilmar Santana (2020), essa repercussão contribuiu para a renovação da série para uma segunda temporada, na qual o enredo se desprende da obra literária original, cuja narrativa se encerra na primeira temporada. Vale destacar que, em 2019, Margaret Atwood lançou o livro *Os Testamentos*, continuação que se passa quinze anos após os eventos de *O Conto da Aia*. Essa segunda obra também será adaptada para o audiovisual em formato de seriado, com lançamento previsto para 2026.

O fato de o ano de lançamento da série *O Conto da Aia*, 2017, coincidir com o de posse, do primeiro mandato, do então presidente dos Estados Unidos Donald Trump, gerou repercussão por parte do público que a compreendeu como um alerta “sobre como se daria um futuro em

⁶ Os Prêmios *Emmy Internacional* fazem parte da extensa gama de *Emmy Awards* que premia o mérito artístico e técnico para a indústria televisiva. Concedidos pela Academia Internacional das Artes & Ciências Televisivas (IATAS), com sede em Nova York, os Emmys Internacionais são apresentados em reconhecimento aos melhores programas de televisão inicialmente produzidos e exibidos fora dos Estados Unidos.

que o conservadorismo religioso e os discursos políticos acionados por Trump, como a misoginia e a violência contra grupos de imigrantes, adquirissem cada vez mais força e espaço na sociedade” (Araújo, 2023, p. 46).

O Conto da Aia apresenta uma narrativa distópica em que uma facção religiosa toma o poder de uma região dos Estados Unidos, transformando-a na fictícia *República de Gilead*. Nesse contexto, instaura-se um regime totalitário que retira os direitos das minorias políticas e sociais, especialmente das mulheres e das pessoas que não são heterossexuais, denominadas “traidoras do gênero”. A protagonista, June Osborne, interpretada pela atriz Elisabeth Moss, torna-se uma *Aia* - um termo que designa uma casta de mulheres “reprodutoras” nessa sociedade. As *Aias* têm como única finalidade procriar, a fim de manter os níveis demográficos da população.

A trama do seriado parte do crescimento da infertilidade, que é atribuída unicamente às mulheres cisgêneras, o que dialoga com o cenário real mundial, que apresenta um declínio da taxa de natalidade, que atingiu seu índice máximo em países como Itália e Alemanha desde o período posterior à Segunda Guerra Mundial, e vem diminuindo, também, nos Estados Unidos (Federici, 2023), país de origem do seriado.

Previsões e projeções sobre a fertilidade são fundamentais para o planejamento de políticas públicas que envolvem a alocação de recursos, serviços de saúde, oferta de emprego, educação, igualdade de gênero e estratégias de planejamento familiar. Um estudo publicado na *Revista Britânica The Lancet* (Fiocruz, 2024), afirma que a taxa de fertilidade considerada aceitável em nível de reposição populacional é de 2,1 filhos por mulher ao longo da vida. Em 1950, globalmente, o número era de 4,84, caindo para 2,23 em 2021. As projeções futuras apontam para 1,83 em 2050 e 1,59 em 2100. No Brasil, a taxa de fecundidade também tem mostrado uma queda significativa ao longo das últimas décadas. Em 1950, a média era de 5,93 filhos por mulher, mas essa cifra reduziu-se para 1,93 em 2021, e projeta-se que continue diminuindo, alcançando 1,57 em 2050 e 1,31 em 2100, ou seja, abaixo da projeção mundial (Fiocruz, 2024).

A sociedade distópica de *O Conto da Aia* exemplifica dinâmicas de controle, em que as mulheres são reduzidas a uma função reprodutiva, privadas de autonomia sobre seus corpos. A imposição de um novo regime de controle sobre as mulheres, baseado na dominação masculina e em dogmas religiosos, reflete a lógica de colonialidade (Lugones, 2020), em que o corpo feminino se torna um espaço de disputa política e social.

Além de discutir a exploração dos corpos das mulheres para a reprodução, o seriado aborda outras temáticas que dialogam com a ofensiva antigênero, também antifeminista, como

o momento sociopolítico enfrentado por diversos países em razão do avanço do extremo conservadorismo. “A rejeição à igualdade de gênero e à diversidade sexual tornou-se plataforma comum de governos de extrema-direita na Europa e nas Américas, como os de Viktor Orbán na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil” (Biroli, 2019, p. 77). Conforme afirma Aryane Araújo (2013, p. 64), tanto Donald Trump quanto Jair Bolsonaro ganharam popularidade entre grupos religiosos e conservadores por meio de discursos antifeministas, aliados à disseminação de *fake News* - o que será abordado no quarto capítulo. Para a autora, essa estratégia é compreendida como uma forma de incutir medo na população em relação às agendas feministas.

Compreendendo o diálogo de *O Conto da Aia* com o cenário sociopolítico recente, o seriado passou a ser referenciado em manifestações políticas de rua. Em 2017, por exemplo, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, fez uma rápida passagem pela Polônia e foi recebido por mulheres vestidas de *Aias*⁷ para protestar contra o seu governo. Em 2018, na Argentina, ocorreram votações legislativas acerca da legalização do aborto do país. Entre as manifestantes pró-legalização, também ficou nítida a referência estética ao seriado⁸.

Já no Brasil, no dia 03 de agosto de 2018, em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal (STF), na Praça dos Três Poderes em Brasília, ocorreu um ato de manifestação⁹ em relação à audiência pública que discutia sobre a legalização da interrupção da gravidez até a 12ª semana de gestação, em que um grupo de ativistas também se vestiu com trajes característicos com os das personagens do seriado. Já em 2021, grupos feministas realizaram um ato em São Paulo¹⁰, em frente à Câmara Municipal, contra um Projeto de Lei que visa promover a abstinência sexual entre os adolescentes, propondo a criação da “Semana Escolhi Esperar” nas escolas, com foco na prevenção à gravidez precoce. O protesto também se inspirou esteticamente em *O Conto da Aia*.

Ainda no Brasil, em 2024, veio à tona o Projeto de Lei 1904/24, já citado anteriormente, que equipara o aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, aumentando de 10 para 20 anos a pena máxima para aquelas que realizem o procedimento. Além disso, a pena passaria a ser prevista para todos os casos de aborto, inclusive nos de

⁷ Matéria disponível em: <<https://www.justicadesaia.com.br/estas-mulheres-receberam-donald-trump-vestidas-como-offred-de-handmaids-tale/>>. Acesso em 06 dez. 2023.

⁸ Matéria disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/argentinas-pro-aborto-protestam-com-trajes-de-o-conto-da-aia/>>. Acesso em 06 dez. 2023.

⁹ Matéria disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em 06 dez 2023.

¹⁰ Matéria completa em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/07/feministas-protestam-em-sao-paulo-contraprojeto-de-abstinencia-sexual/>>. Acesso em 06 mar. 2024.

gravidez decorrente de estupro. Ao equiparar ao homicídio simples, o aborto passa a ter uma pena maior do que a do estupro, que é de 6 a 10 anos. No dia 12 de junho de 2024, a Câmara dos Deputados aprovou o regime de urgência para a votação do Projeto, o autor do requerimento de urgência e coordenador da Frente Parlamentar Evangélica, deputado Eli Borges (PL-TO), defende que após as 22 semanas trata-se de assassinato de criança, pois “o feto tem condições de viver fora do útero da mãe”. Após a aprovação do regime de urgência, o PL ganhou notoriedade nas mídias e repercutiu nas redes sociais, gerando diversas manifestações de rua com alusão a estética de *O Conto da Aia*, bem como *posts* em mídias sociais e matérias jornalísticas tratando do seriado como símbolo de luta feminista.

Nesse contexto, a contribuição de Judith Butler (2015; 2021) é fundamental para compreender o papel dos corpos como agentes centrais na disputa política. Em *Corpos em aliança e a política das ruas* (2018), a autora mostra que os protestos se constituem como performances coletivas em que os corpos, ao ocupar o espaço público, desafiam os regimes de poder que buscam regulá-los ou silenciá-los. A materialidade e a visibilidade dos corpos em situação de vulnerabilidade operam, portanto, como formas de resistência e de produção de sentidos políticos. Essa perspectiva é pertinente a esta pesquisa, na medida em que os protestos inspirados em *O Conto da Aia* funcionam como práticas performáticas com potencialidade para reconfigurar a esfera pública.

1.2 ENQUADRAMENTOS DA PESQUISA: PROBLEMA, OBJETIVOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Após a contextualização apresentada, delineiam-se, a seguir, o problema de pesquisa, a tese central, os objetivos e o percurso metodológico adotado. O problema que orienta esta investigação é: “De que forma o uso da estética inspirada na série *O Conto da Aia* por mulheres em manifestações no Brasil, entre 2018 e 2025, reflete e amplifica reivindicações por direitos reprodutivos, e como essa prática dialoga com dinâmicas comunicativas e sociopolíticas no contexto nacional e transnacional?”.

Esta tese defende que a alusão à estética da série *O Conto da Aia* em manifestações feministas no Brasil opera como uma performance comunicacional capaz de expressar e atualizar reivindicações por direitos sexuais e reprodutivos. Ao mobilizar uma narrativa distópica contemporânea, essas manifestações transformam repertórios culturais em estratégias de comunicação política, configurando um fenômeno comunicativo e sociopolítico que articula

contextos nacionais e transnacionais, especialmente no cenário de avanço do conservadorismo e da ofensiva antigênero.

Para a delimitação do *corpus* de análise, foram selecionados nove veículos jornalísticos, organizados em três eixos: (1) Mídia hegemônica. (2) Mídia especializada em mulheres e equidade de gênero; (3) Mídia independente. Serão analisadas matérias publicadas nos *sites* desses veículos e os conteúdos vinculados em seus perfis no *Instagram*.

A opção por analisar matérias jornalísticas justifica-se pelo seu caráter documental e pela relevância dessas publicações como mediadoras entre acontecimentos e esfera pública, o que permite compreender de que maneira os protestos inspirados em *O Conto da Aia* foram enquadrados e legitimados pela cobertura midiática. O jornalismo, ao selecionar, hierarquizar e contextualizar os fatos, funciona como um filtro social que constrói sentidos sobre os protestos no debate público. Além disso, ao noticiar os protestos, as matérias frequentemente incorporam também a repercussão nas redes sociais, permitindo acessar, de forma ampliada, tanto o cenário das manifestações de rua quanto os debates digitais que se articulam em torno do tema.

Os conteúdos publicados no *Instagram*, por sua vez, desempenham um papel estratégico: além de funcionarem como porta de entrada para as matérias completas nos *sites*, ampliam o alcance e a circulação das pautas, potencializando o impacto das narrativas jornalísticas em públicos diversos.

Sendo assim, o objetivo geral consiste em analisar o enquadramento dado por veículos da imprensa aos protestos de mulheres brasileiras, em torno dos direitos sexuais e reprodutivos, a partir da estética de *O Conto da Aia*. Já os objetivos específicos buscam: 1) Analisar os protestos inspirados na estética/narrativa de *O Conto da Aia* como acontecimentos acionados pelos movimentos feministas para reforçar e atualizar estratégias de mobilização social; 2) Mapear os contextos sociopolíticos que originaram e influenciaram esses protestos, considerando a articulação entre movimentos feministas locais e a dimensão transnacional da ofensiva antigênero; 3) Examinar como os protestos, enquanto acontecimentos, contribuem para pautar a agenda feminista na imprensa, com foco na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos; 4) Investigar como a imprensa enquadrara os protestos, avaliando os discursos predominantes.

Trata-se, primeiramente, de uma pesquisa qualitativa, um método de investigação científico caracterizado pela análise de poucos casos de maneira aprofundada (Gil, 2002). Além disso, este trabalho parte da perspectiva da Análise do Acontecimento, entendendo que os protestos feministas inspirados em *O Conto da Aia* não devem ser abordados como manifestações pontuais, mas como construções discursivas que se inserem em um contexto

político e midiático em disputa. A metodologia em questão envolve o estudo detalhado de eventos específicos (históricos, políticos, sociais etc.), com o objetivo de compreender o contexto no qual ocorreram, bem como suas causas e consequências (Macedo, 2016) (França, Lopes, 2017).

Dessa forma, é especialmente adequada para responder aos objetivos propostos, pois permite compreender os protestos inspirados em *O Conto da Aia* não como eventos isolados, mas como momentos significativos que articulam práticas, discursos e contextos sociopolíticos em constante interação. Ao focar na dimensão performática dos protestos, essa abordagem possibilita explorar como elementos simbólicos e comunicacionais são mobilizados para atualizar demandas feministas no Brasil. Além disso, ao incorporar o enquadramento jornalístico, a metodologia permite investigar como a mídia constrói narrativas sobre esses acontecimentos, analisando os discursos dominantes e suas possíveis implicações na opinião pública e na agenda política.

A noção de enquadramento dialoga com a perspectiva de Butler, em *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* (2025), ao refletir sobre quais vidas são consideradas dignas de luto, de reconhecimento e de proteção. Adaptada ao contexto desta pesquisa, essa reflexão permite compreender como o jornalismo, ao enquadrar os protestos, participa da disputa sobre quais reivindicações, ou aspectos delas, são legitimados e quais permanecem marginalizados. Assim, o conceito de *frames* (quadros) oferece uma lente analítica para investigar a performance dos corpos em aliança e os modos de visibilidade (ou invisibilidade) construídos pela mídia em torno dos protestos em questão.

A temática da tese se justifica por discutir sobre uma onda transnacional, a ofensiva antigênero (Prado; Correa, 2018, p. 1), e pela relevância e atualidade da agenda pró-descriminalização do aborto em toda a América Latina e, mais precisamente, no Brasil, em que a pauta voltou ao debate público em 2023¹¹.

Para o campo da comunicação, esta tese contribui ao analisar o diálogo entre um objeto de entretenimento - o seriado *O Conto da Aia* - e os atos performativos pró-direitos reprodutivos, evidenciando como essas manifestações são difundidas e narrativizadas pela mídia. O jornalismo é compreendido como uma prática que seleciona, enquadra e constrói sentidos. Ao mesmo tempo, a apropriação da estética do seriado transforma os protestos em

¹¹ Matéria completa disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-09/legalizacao-aborto-debate-publico-julgamento-stf>>. Acesso em 14 dez. 2023.

performances comunicacionais que articulam política, estética e cultura midiática, ampliando as formas pelas quais a ação coletiva se torna visível e significativa.

O uso da vestimenta das *Aias* em protestos feministas ao redor do mundo evidencia a continuidade das lutas das mulheres cisgênero contra a restrição de seus direitos sexuais e reprodutivos, refletindo uma disputa constante no campo político e cultural. Essa mobilização feminista pode ser compreendida como uma estratégia performativa de contestação. Judith Butler (2018) argumenta que a performance dos corpos no espaço público confronta as estruturas institucionais e, também, redefine subjetividades desafiando regimes normativos. O ato de “se vestir de aia” em manifestações, portanto, além de simbólico é um exercício de visibilidade política que denuncia a precarização da vida de mulheres e corpos marginalizados, considerando que a criminalização do aborto afeta desproporcionalmente mulheres em situação de vulnerabilidade. Para Butler (2018), a resistência eficaz ocorre na coletividade e exige alianças entre grupos precarizados. Dessa forma, os protestos feministas que incorporam a performance e a ocupação do espaço público reafirmam que a disputa pelo direito ao corpo é, fundamentalmente, uma disputa por justiça social.

Esta tese está organizada em sete capítulos. No *segundo capítulo*, apresentamos a construção do olhar analítico da pesquisa: o feminismo pós-estruturalista e a perspectiva da colonialidade do poder e do gênero constituem a base teórica para compreender como a narrativa de *O Conto da Aia* é mobilizada em protestos feministas do Brasil, bem como situar a luta pelos direitos reprodutivos em um cenário de desigualdades históricas e estruturais. Já o jornalismo, é compreendido como um campo discursivo que, ao enquadrar os acontecimentos, participa da definição dos sentidos sociais atribuídos aos protestos, revelando disputas de visibilidade e reconhecimento.

O *terceiro capítulo* trata da metodologia, Análise do Acontecimento, que permite investigar os protestos como um desvio da regularidade que articula práticas performáticas e discursos políticos, interagindo com os enquadramentos midiáticos. Também é apresentada a coleta de materiais para a análise e a delimitação do *corpus*.

No *quarto capítulo*, examina-se o contexto sociopolítico que propicia retrocessos nos direitos sexuais e reprodutivos. A análise aborda a articulação entre movimentos conservadores e lideranças religiosas e políticas com a narrativa de *O Conto da Aia*.

Já o *quinto capítulo*, aprofunda a discussão sobre os direitos sexuais e reprodutivos, destacando a intersecção entre esse debate e a divisão sexual do trabalho. O capítulo traça um panorama histórico da regulamentação do aborto, iniciando com uma perspectiva transnacional

e, em seguida, voltando-se para o contexto brasileiro. Também são analisadas as atualizações da agenda feminista sul-americana e suas principais conquistas no cenário contemporâneo.

O *sexto capítulo*, por sua vez, analisa como a estética de *O Conto da Aia* opera como uma ferramenta comunicacional nos protestos feministas. Além disso, examina o enquadramento midiático dessas manifestações, observando a cobertura jornalística. Por fim, o *sétimo capítulo*, é reservado para as considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa buscam sintetizar as principais reflexões e resultados que surgiram ao longo do processo investigativo. Para tanto, serão divididas em três partes, sendo a primeira intitulada: “Contribuições teóricas e metodológicas da pesquisa”, que destaca a integração dos conceitos teóricos, bem como a aplicação da metodologia Análise do Acontecimento. Em seguida, a seção: “Reflexões sobre o cenário político brasileiro e os direitos reprodutivos”, que discute o contexto sociopolítico que permeia os protestos feministas pró-direitos reprodutivos. Por fim, o tópico: “*O Conto da Aia* como performance comunicacional”, que trata dos resultados da análise desenvolvida no sexto capítulo.

7.1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A fundamentação teórica, que articula, principalmente, autores e autoras pós-estruturalistas e pós-coloniais permite uma compreensão ampla e crítica dos movimentos sociais contemporâneos, especialmente das manifestações feministas pró-direitos reprodutivos. As obras de autoras como Butler (2018) (2025) e Lugones (2020) proporcionam uma análise sobre a resistência política das mulheres, destacando as complexidades dos protestos dentro de um contexto histórico. A compreensão da resistência política, a partir de uma ótica de gênero, permite situar essas manifestações dentro de lutas sociais que atravessam questões de gênero, raça, classe e sexualidade. O entendimento dessas lutas por meio da perspectiva interseccional, como sugerido por Lugones (2020), Quijano (2005) e hooks (2020), contribui para a análise ao considerar as diferentes formas de opressão que afetam as mulheres, ampliando a reflexão sobre as dinâmicas de poder que envolvem a resistência.

Sobre as noções de poder e resistência, as ideias de Foucault (2015) tornam-se relevantes para a compreensão das práticas políticas contemporâneas. O referencial teórico também se aprofunda na análise da performance política, desenvolvida por Butler (2018), pela qual é possível entender como os protestos feministas contemporâneos podem ser vistos como performances de resistência, em que o corpo se torna um veículo de contestação política.

Ao articular essas ideias com os fundamentos da teoria da reprodução social e do trabalho reprodutivo - a partir das contribuições de Federici (2017, 2019, 2023), Mies (2016) e Bhattacharya (2019), mobilizadas nesta pesquisa -, compreende-se que os protestos feministas e as reivindicações por direitos reprodutivos também estão profundamente enraizados em questões econômicas, sociais e de classe. Ou seja, essa luta se configura como uma forma de resistência a um sistema que explora e desvaloriza as mulheres em diversas camadas. O corpo feminino, assim, emerge como um território historicamente colonizado (Lugones, 2020).

Já a metodologia, Análise do Acontecimento, proporciona um caminho estruturado para a análise dos protestos feministas, que se articula com as ideias do referencial teórico, sobretudo com o conceito de *enquadramentos* desenvolvido por Butler (2025), proporcionando uma análise aprofundada das manifestações feministas e do modo como elas foram enquadradas pela mídia.

7.2 REFLEXÕES SOBRE O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO E OS DIREITOS REPRODUTIVOS

Ao mapear os contextos sociopolíticos que influenciaram os protestos feministas inspirados em *O Conto da Aia*, buscamos compreender as articulações entre o cenário fictício do seriado e a realidade sociopolítica brasileira, atendendo ao segundo objetivo específico desta tese. Assim, observamos que esse movimento se insere em um contexto transnacional, em que a ofensiva antigênero, alimentada por discursos religiosos, neoconservadores e ideologias fascistas, se configura como uma tentativa de reversão de direitos conquistados pelas mulheres.

Depois, ao focar no cenário brasileiro - nosso recorte de análise -, ficou claro um contexto sociocultural de crescente misoginia, que se desenha a partir de uma resposta violenta à ascensão de pautas progressistas. A reação conservadora se fortalece com o advento de lideranças políticas dessa mesma ideologia e se alimenta de um discurso que resgata valores tradicionais, frequentemente associados a um patriarcado religioso e classista. Esse imbricamento de discursos: de um lado, as pautas progressistas em defesa dos direitos das mulheres e, de outro, a resistência conservadora que tenta estigmatizar as conquistas feministas, resulta em um cenário político complexo.

Neste contexto, a partir do quinto capítulo é possível observar como a criminalização do aborto no Brasil atravessa um longo percurso histórico, apoiado em códigos penais que reforçam uma visão moralista e patriarcal sobre os corpos das mulheres. A permanência de um imaginário conservador, sustentado por discursos religiosos, impõe obstáculos estruturais às pautas feministas.

Ainda no quinto capítulo, se torna evidente a importância de compreender a interseccionalidade das lutas feministas, especialmente quando observamos como classe, raça e sexualidade atravessam o debate sobre a legalização do aborto e o acesso à saúde reprodutiva. Dessa forma, a luta pró-direitos sexuais e reprodutivos deve ser compreendida como um projeto amplo de saúde, dignidade e autonomia corporal.

Vale ressaltar que, ao longo do quarto e do quinto capítulo, ficou claro que as linhas que separam a ficção da realidade podem ser tênues, conforme entende Gaudreault (2009). Afinal, o efeito de verossimilhança entre a distopia de *O Conto da Aia* e o mundo habitual - o cenário sociopolítico que nos cerca - leva feministas de diversos lugares do mundo a escolher essa narrativa como bandeira política, como estratégia comunicativa, ou seja, como meio de representação. Assim, os trajes das *Aias* funcionam como um símbolo, uma forma de linguagem que liga a realidade diretamente à narrativa, a qual, em um primeiro momento, pode parecer absurda, mas que, se olharmos com mais atenção, não está tão distante da realidade. Ou seja, funciona como um alerta sobre aonde o neoconservadorismo, ancorado em dogmas religiosos e de perfil autoritário, pode nos levar: para algum lugar próximo a Gilead.

Mas, o que fazer a respeito? As resistências feministas contemporâneas demonstram crescente potência nas mídias sociais digitais e na apropriação de repertórios culturais - como é o caso do uso da estética de *O Conto da Aia* -, o que contribui para uma reconfiguração das formas de engajamento político. Os protestos protagonizados por mulheres vestidas como *Aias* constituem performances políticas que mobilizam um apelo estético e afetivo (Sodré, 2016). Por meio dessa performance, estabelece-se uma conexão simbólica com uma agenda transnacional de resistência ao avanço do conservadorismo e de defesa dos direitos sexuais e reprodutivos.

7.3 O CONTO DA AIA COMO PERFORMANCE COMUNICACIONAL

A partir da análise realizada no sexto capítulo, alcançamos os seguintes objetivos específicos: 1) Analisar os protestos inspirados na estética/narrativa de *O Conto da Aia* como acontecimentos acionados pelos movimentos feministas para reforçar e atualizar estratégias de mobilização social; 3) Examinar como os protestos, enquanto acontecimentos, contribuem para pautar a agenda feminista na imprensa, com foco na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos; 4) Investigar como a imprensa enquadrará os protestos, avaliando os discursos predominantes.

Observamos que as manifestantes - cobertas da cabeça aos pés - invertem a lógica da exposição corporal associada à comunicação política contemporânea. As mulheres que se apresentam como *Aias* performam, simultaneamente, vulnerabilidade e potência: o corpo coberto, que antes simbolizava repressão, torna-se instrumento de denúncia, visibilidade e comunicação. Essa aparição coletiva transforma a vulnerabilidade em recurso político, materializando o “direito de aparecer” (Butler, 2018). Além disso, a teatralização das manifestações opera também pela performance do silêncio e da obediência, que, ao serem encenados, evidenciam sistemas sociais marcados por continuidades coloniais e patriarcais.

A necessidade de explicar essa performance leva a mídia a tratar tanto da possível perda de direitos sexuais e reprodutivos, quanto da intervenção histórica do Estado sobre corpos vulnerabilizados. Ou seja, as manifestações proporcionam diálogos que vão além da pauta que elas reivindicam no ato do protesto. No entanto, o enquadramento jornalístico tende a permanecer dentro das molduras oferecidas pela própria ficção. Como consequência, aspectos estruturais que são centrais para o debate, como as desigualdades que afetam de forma mais intensa mulheres negras e periféricas, permanecem às margens.

Então, quando voltamos ao problema desta tese: “De que forma o uso da estética inspirada na série *O Conto da Aia* por mulheres em manifestações no Brasil, entre 2018 e 2025, reflete e amplifica reivindicações por direitos reprodutivos, e como essa prática dialoga com dinâmicas comunicativas e sociopolíticas no contexto nacional e transnacional?”, entendemos que a performance das *Aias* atua como um discurso político que condensa debates complexos em uma linguagem visual imediata. Essa linguagem comunicacional, ao circular entre diferentes contextos, se transforma em uma espécie de aliança transnacional que aproxima feministas em torno das pautas pró-direitos reprodutivos, permitindo que a estética da distopia seja prontamente reconhecida por aqueles familiarizados com a narrativa. Ao mesmo tempo, leva os meios de comunicação a explicar o sentido da performance para os públicos que não a conhecem, ampliando o espaço de reflexão e discussão sobre o tema. Além disso, evidencia que a disputa pela pauta reprodutiva se dá tanto no campo legislativo, que é mediado por discursos religiosos, patriarcais e classistas, quanto no campo dos enquadramentos midiáticos, a respeito de quem tem visibilidade e como essa visibilidade é atribuída.

Ao fim desta tese, entendemos que os corpos das mulheres estão em constante disputa e que a autonomia sobre seus próprios corpos está longe de ser plenamente alcançada, a ponto de um seriado televisivo, baseado em um livro de literatura distópica lançado em 1985, apresentado como ficção especulativa inspirada em diversos regimes totalitários, tornar-se tão representativo para as mulheres da segunda e terceira década do século XXI, a ponto de se transformar em símbolo de luta por direitos reprodutivos. Se nos identificamos com as *Aias*, que têm seus corpos direcionados exclusivamente para a reprodução; com as *Marthas*, cujas vidas são voltadas aos afazeres do lar; ou com as *Esposas* e *Tias*, que são levadas a acreditar que ocupam posições de vantagem ou prestígio em um regime que, ainda assim, as utiliza e oprime, é porque essas representações evidenciam continuidades históricas nos modos de controle, colonização e hierarquização dos corpos femininos.

Nesse sentido, a estética de *O Conto da Aia* nas manifestações feministas opera como um alerta comunicacional, ao tornar visíveis os perigos representados por projetos políticos de

extrema direita, neoconservadores e autoritários, sustentados por dogmas religiosos e classistas, que configuram uma ofensiva antigênero com impactos diretos sobre os direitos conquistados e sobre a própria organização democrática da sociedade, incidindo de forma particularmente violenta sobre os corpos das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGRA, Mario. Câmara aprova urgência para projeto que equipara aborto de gestação acima de 22 semanas a homicídio. *Agência Câmara de Notícias*, jun, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1072249-camara-aprova-urgencia-para-projeto-que-equipara-aborto-de-gestacao-acima-de-22-semanas-a-homicidio/>. Acesso em 09 jun. 2024.
- AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago, POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr. 2018.
- ANDERSEN, Alice. PL 1904/2024: o "Conto de Aia" rumo à realidade distópica do Brasil. *Revista Fórum*, 14 jun. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opinioao/2024/6/14/pl-19042024-conto-de-aia-rumo-realidade-distopica-do-brasil-160487.html> . Acesso em 24 nov. 2025.
- ANDRADE, Ranyelle. Saiba por que O Conto da Aia inspirou protestos contra a PL do aborto. *Metropoles*, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/saiba-por-que-o-conto-da-aia-inspirou-protestos-contra-a-pl-do-aborto> . Acesso em 08 out. 2024.
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. – 1 (2006). São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 10 jul. 2024
- ARAÚJO, Aryane de Oliveira. Cultura pop e a potência de situações comunicacionais: Uma leitura crítica da série *The Handmaid's Tale*. Bauru: *Revista Brasileiros de Estudos da Homocultura*, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/issue/view/799>. Acesso em 26 nov. 2023.
- ARRUZA, Cinzia; BATHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ASSUNÇÃO. Carlos Junio de Oliveira; OLIVEIRA, Esmael Alves de. “Imbrochável, incomível e imorrível”: Uma análise do bolsonarismo à luz das masculinidades. REBEH-Mato Grosso: *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, vol. 07, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16164/13878>>. Acesso em 31 jul. 2024.
- BÁRBADA, Leonardo Santa. Por que ‘O Conto da Aia’ virou símbolo de protestos contra PL Antiaborto por estupro. *Goiás 246*, 15 jun. 2024. Disponível em: <https://www.goias246.com.br/noticia/8098/genero-e-diversidade/por-que-o-conto-da-aia-virou-simbolo-de-protestos-contra-pl-antiaborto-por-estupro.html>. Acesso em 08 out. 2024.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo: Revista Cme. Espm. Vol. 6, n. 16. Jul. 2009.
- BARRERAS, Sandra Bitencourt; WEBER, Maria Helena. A neutralização do debate sobre o aborto: o ativismo político-religioso e o silenciamento do governo. Universidade Federal do Paraná: *XXIII Encontro Anual da Compós*, 2014. Disponível em: https://www.rosepepe.com.br/compos/Docs/GT05_COMUNICACAO_E_POLITICA/compos_2176.pdf. Acesso em 12 mar. 2024.

BBC News Brasil. Por que a série *The Handmaid's Tale* é relevante para os dias de hoje. *BBC News Brasil*, São Paulo, 16 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/verticul-44294676> . Acesso em 24 nov. 2025.

BBC News Brasil. Roe x Wade: O que muda com a decisão da Suprema Corte dos EUA sobre o aborto? *BBC News Brasil*, São Paulo, 24 jun. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61929519> . Acesso em 24 nov. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol. 2, - 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEKIEMPIS, Victoria. *Judge strikes down Ohio abortion ban as unconstitutional*. The Guardian, 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/oct/24/ohio-abortion-ban-judge>. Acesso em: 14 out. 2025.

BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. *Revista Líbero*, São Paulo, n. 20, p. 37 – 46, 2007. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>. Acesso em: ago. 2025.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Características de convergência na atuação do Mídia Ninja. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 15, n. 28, p. 76-86, jan./jun. 2014. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2393. Acesso em: ago. 2025.

BHATTACHARYA. Tithi. O que é a teoria da reprodução social? *Socialist Worker*: outubro, n. 32, 2019.

BIROLI, Flávia. A reação contra gênero e a democracia. Argentina: *Nueva Sociedad*, 2019, p. 77-87.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

BLUM, Bárbara. Por que ‘O Conto da Aia’ virou símbolo de protestos contra PL Antiaborto por Estupro. *Jornal de Brasília*, 15 jun. 2024. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/tvstreaming/por-que-o-conto-da-aia-virou-simbolo-de-protestos-contr-pl-antiaborto-por-estupro/> . Acesso em 08 out. 2024.

BLUME, Bruno André. Estatuto de Família: o que é? *Politize*, 15 out. 2015. Disponível em: <https://www.politize.com.br/estatuto-da-familia-o-que-e/#>. Acesso em 26 ago. 2024.

Bôas, Valéria Maria Vilas. O jornal do sujeito ou o sujeito do jornal? In: LEAL, Bruno Souza; TASSIS, Nicoli; MANNA, Nuno. (Org). *Para desentender o jornalismo*. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2023, p. 25-49 Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/produto/para-desentender-o-jornalismo/> . Acesso em: 16 jul. 2025.

BOLSONARO, Jair. [Sessão:140.1.3.O]. Brasília: Câmara dos Deputados, 13 ago. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2EVLLY1> . Acesso em: 9 jan. 2021.

BRITO. Primavera Feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro. Florianópolis: *Seminário Internacional Fazendo o Gênero*, 2017. Disponível em:

<https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450296_ARQUIVO_Pr imaveraFeminista-ainterneteasmanifestacoesdemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf>. Acesso em 07 mar. 2024.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. – 15ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALDAS, Maria das Graças Conde. *Ética e cidadania na formação do jornalista*. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 27, n. 44, p. 85-101, 2o. sem. 2005.

CARDOSO, Bruno Baptista; VIEIRA, Fernanda Morena dos Santos Barbeiro.; SARACENI, Valeria. Aborto no Brasil: o que dizem os dados oficiais? *Cad. Saúde Pública*, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8vBCLC5xDY9yhTx5qHk5RrL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 dez. 2024.

CARNEIRO, Distopia? Ataque ao Capitólio é estopim de ‘The Handmaid’s Tale’. *Veja*, 07 jan. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/distopia-ataque-ao-capitolio-e-estopim-de-the-handmaids-tale/> . Acesso em 24 nov. 2025.

CETRONE, Camila. Como ‘O Conto da Aia’ se tornou símbolo mundial de protestos em defesa ao aborto. Revista Marie Claire – Globo, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/direitos-reprodutivos/noticia/2024/06/como-o-conto-da-aia-the-handmaids-tale-se-tornou-simbolo-mundial-protestos-em-defesa-ao-aborto.ghtml> . Acesso em 08 out. 2024.

CETRONE, Camila. Com trajes de 'O Conto da Aia', parlamentares pedem arquivamento de projeto antiaborto por estupro em frente a sede do PL. Revista Marie Claire – Globo, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/politica/noticia/2024/06/parlamentares-protestam-em-frente-a-sede-do-pl-de-o-conto-da-aia-e-pedem-arquivamento-de-projeto-antiaborto-por-estupro.ghtml> . Acesso em 08 out. 2024.

CISNE, Mirla; CASTRO, Viviane Vaz; OLIVEIRA, Giulia Maria Janelle Cavalcante de Oliveira. Aborto inseguro: um retrato patriarcal e racializado da pobreza das mulheres. *Revista Katál.*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 452-470, set./dez. 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. Tradução: Rane Souza. 1 – ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

CNN Brasil. (2023). Abortos legais no SUS crescem 71% em 5 anos; Brasil tem 7 casos por dia. São Paulo: CNN Brasil, jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-duran/nacional/abortos-legais-no-sus-crescem-71-em-5-anos-brasil-tem-7-casos-por-dia/#:~:text=Link%20Copiado!-,Abortos%20legais%20no%20SUS%20crescem%2071%25%20em%205%20anos;%20Brasil,>

[tem%207%20casos%20por%20dia&text=Dados%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde,meninas%20e%20mulheres%E2%80%9D%2C%20comentou](#). Acesso em: 19 mar. 2025.

CORRÊA, Sonia. *A “política do gênero”*: um comentário genealógico. São Paulo, Campinas: Cadernos Pagu, 2018.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. Rio de Janeiro: *PHYSIS - Revista Saúde Coletiva*, 1996, p. 147-177.

CORDEIRO, Mirella. UERJ 2025: tudo sobre a redação e dicas para o exame. *CNN Brasil*, nov, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/uerj-2025-tudo-sobre-a-redacao-e-dicas-para-o-exame/>. Acesso em 12 nov. 2024.

COSTA, Gilberto. Em Brasília, mulheres fazem ato contra PL que equipara aborto a homicídio. *Mídia Ninja*, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/em-brasilia-mulheres-fazem-ato-contr-pl-que-equipara-aborto-a-homicidio/>. Acesso em 24 nov. 2025.

CRUZ, Elaine Patricia. Manifestantes vão às ruas contra PL que equipara aborto a homicídio. *Agência Brasil*, jun, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/manifestantes-vao-as-ruas-contr-projeto-que-equipara-aborto-homicidio-0>. Acesso em 10 jul. 2024.

DALPIAZ, Jamile Gamba. Rotinas e critérios de noticiabilidade: um estudo sobre a produção jornalística da BBC Brasil. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 213-232, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v8n1p213/18950>. Acesso em: ago. 2025.

DIAS, Tatiana; FELIZARDO, Nayara; MORORYN, Paulo. 'Uma luta contra o tempo': justiça obriga menina de 13 anos a manter gestação após estupro em Goiás. *The Intercept Brasil*, jul, 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/07/10/justica-obriga-menina-de-13-anos-a-manter-gestacao-apos-estupro-em-goias/>. Acesso em 05 ago. 2024.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 959-966, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pYSRDGw6B3zPsVJfDJSzwNt/>. Acesso em 31 out. 2024.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. *Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf Acesso em 07 fev. 2025.

DUARTE, Vlamir Marques. *Deus acima de todos Under his eye*: espectros do patriarcado na série *The Handmaid's Tale* e o contexto sociopolítico brasileiro. 2021. 123. Dissertação - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/22003/1/VlamirMarquesDuarte_Dissert.pdf Acesso em 27 ago. 2024.

DRIGHETTI, Bruno. “Chique é ser inteligente”: análise do posicionamento discursivo da revista *Marie Claire*. Universidade Estadual de Goiás: *Anais do III SIELLI e XX Encontro de Letras*, 2022. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sielli/article/view/15728/12527>. Acesso em 10 jul. 2025.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. in: *Cinco Escritos Morais*, Tradução: Eliana Aguiar, Editora Record, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://deusgarcia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/06/eco-o-fascismo-eterno.pdf> Acesso em 19 nov. 2024.

ESMITIZ, Francielle. Jornalismo feminino e feminista: uma análise do Portal Catarinas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 42., 2019, Belém. Anais. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bzLs9>. Acesso em: ago. 2025.

FACCINI, Gabriel de Mesquita. Virilidade vigilante: um QG O doutrinador e uma insurgência do masculinismo brasileiro. *Open Edition: Journals*, Paris, 2023.

FEDERICI, Silvia. *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Elefante, 2023.

FEDERICI, Silva. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Sycorax – São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, Eduardo; FERREIRA, Cristiano Nicola; LUZ, Valentina Fonseca da. Vigiar a democracia, punir o golpismo: narrativas oficiais sobre o protesto de 08 de janeiro de 2023 na sede dos Três Poderes, em Brasília. *Revista de Políticas Públicas*, v. 27, n. 2, p. 716–737, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3211/321177219013/321177219013.pdf> Acesso em 20 out. 2025.

FIDELIS, Thays Karolline dos Santos; SEABRA, Raphael Lana Seabra. *Fascismo e profissionalização da contrarrevolução no Brasil*. R. Katál., Florianópolis, v.24, n. 2, p. 407-416, maio/ago. 2021.

FIGUEIREDO, Janaína. “Ultradireitista Milei é eleito presidente da Argentina em eleição histórica, na pior derrota do peronismo em 40 anos”. *O Globo*, 19, nov, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/11/19/milei-e-eleito-presidente-da-argentina.ghtml>. Acesso em 22 ago. 2024.

FIOCRUZ. Estudo aponta queda progressiva nas taxas de fertilidade. Pernambuco: *Fiocruz*, abri. 2024. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/04/estudo-aponta-queda-progressiva-nas-taxas-de-fertilidade?utm_source=chatgpt.com . Acesso em 19 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Disponível em: <https://projetophronesis.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/08/foucault-michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france.pdf> Acesso em 22 fev. 2025.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 4 ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. – 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOLHA DE S. PAULO. BBC tem viés à esquerda, mas busca combatê-lo, diz presidente da emissora. *Folha de S. Paulo*, 8 dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/12/bbc-tem-vies-a-esquerda-mas-busca-combate-lo-diz-presidente-da-emissora.shtml>. Acesso em 14 jul. 2025.

FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*. Universidade de São Paulo, vol. 11, n. 3, 2017, p. 71-87. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/138820> Acesso em 27 mar. 2023.

GAUDRELAULT, Andre; JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

GAY, Peter. *Represálias Selvagens*. Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustav Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Gazeta do Povo. “Kit Gay”: relembre a polêmica sobre a cartilha. *Gazeta do Povo*, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/kit-gay-relembre-a-polemica-sobre-a-cartilha/> Acesso em 07 fev. 2025.

G1. Em vídeo de palestra, Bolsonaro diz que ter filha foi “fraquejada”. *Blog do G1*, 06, jul, 2027. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/em-video-de-palestra-bolsonaro-diz-que-ter-filha-foi-fraquejada.html>. Acesso em 17 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Ervin. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado* – Vol. 29, n. 2, maio/agosto, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/M3nBJJtyMYm4qd4TQdGpryR/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 21 jan. 2025.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol 1. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRANDE, Cristiane Garcia; SOUZA, Florentina das Neves. A imagem política no jornalismo on-line da *Folha de S. Paulo* e do *G1*. In: *Encontro Nacional de Estudos da Imagem – ENEIMAGEM*, 5., 2011, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. p. 211-231. Disponível em: <https://encurtador.com.br/vXuuw>. Acesso em: 03 ago. 2025.

HAJE, Lara. Câmara aprova Estatuto da Família formada a partir da união de homem e mulher. Brasília: *Agência Câmara de Notícias*, 08 out 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/472681-camara-aprova-estatuto-da-familia-formada-a-partir-da-uniao-de-homem-e-mulher/> Acesso em: 26 ago. 2024.

HOLANDA, Ana Carolina Pessoa; XEREZ, Rafael Marcílio. O Conto da Aia e o aborto no Brasil: a ausência de liberdade da mulher sobre o próprio corpo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n. 16, 2021.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 13ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero". University of Macerata: *Revista Psicologia Política*, Vol. 18, n. 43, 2018, p. 449-502. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7427421> Acesso em 19 mar. 2025.

KLAUTAU, Carolina Moura. O novo projeto editorial da Folha de S. Paulo: os mitos da objetividade e da pluralidade de sentidos. *Revista Cambiassu*, São Luís/MA, v. 13, n. 21, p. 37-51, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/19019>. Acesso em: ago. 2025.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. Indiana University Press: 1987.

LIONÇO, Tatiana *et al.* “Ideologia de gênero”: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. *Psicologia Política*. vol. 18. nº 43. p. 599-621. set. – dez. 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a11.pdf> Acesso em 19 fev. 2025.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*. Salvador: EDUFBA, 2016.

MANNA, Nuno. Passeio pelo bosque das janelas. In: LEAL, Bruno Souza; TASSIS, Nicoli; MANNA, Nuno. (Org). *Para desentender o jornalismo*. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2023, p. 69-82. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/produto/para-desentender-o-jornalismo/> . Acesso em: 16 jul. 2025.

MANDURÉ, Mariane; RAMMÊ, Rogério Santos. A Interrupção voluntária da gravidez como direito fundamental da mulher. *Revista do Curso de Direito do Centro Universitário Metodista*. Justiça & Sociedade, v. 4, n. 2, 2019.

MARQUES, Marília. Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília. *G1*, Distrito Federal – Brasília, 03 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml> . Acesso em 24 nov. 2025.

MARTINEZ, Jorge Hernández. Os Estados Unidos por dentro: ideologia e poder em tempos de transição. In: 8ª Conferência Latinoamericana y Caribeña de Ciencias Sociales – CLACSO, 2018, Buenos Aires. Resumo apresentado no evento. Buenos Aires, 2018. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/conferencia2018/presentacion_ponencia.php?ponencia=20184914142-7097-pi&utm_source=chatgpt.com Acesso em fev. 2025.

MARTINEZ, Monica; PERSICHETTI, Simonetta. Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital. *Líbero*, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 55-64, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/67>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Aproximações entre Estética e Comunicação: aberturas possíveis e diálogos entre os conceitos. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 14-29, maio/ago. 2016.

MELO, Thauany. Menina de 13 anos que engravidou após estupro consegue interromper gravidez. *G1 -Goiás*. *G1 Goiás*, abr, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/08/02/menina-de-13-anos-que-engravidou-apos-estupro-consegue-interromper-gravidez.ghtml> Acesso em 05 ago. 2024.

MELO, Wallace da Silva. Deus, família, punitivismo e neoliberalismo: o novo conservadorismo brasileiro e suas conexões com os Estados Unidos da Era Reagan. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 53, n. 1, mar./jun., 2022, p. 421–432.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. *Lua Nova*, São Paulo, 72: 115-142, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/RNCppYxgzYzKHSfYpCBpQyd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: ago. 2025.

MIES, Maria. Origens sociais da divisão sexual do trabalho: a busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. *Direito e Práxis*: Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 838-873.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer*: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

MIYAKE, Rafael. "O Conto da Aia" inspira campanha contra PL do aborto. *Dol Notícias*, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/politica/863586/o-conto-da-aia-inspira-campanha-contr-pl-do-aborto?d=1> . Acesso em 08 out. 2024.

MONCAU, Gabriela. Matéria completa sobre a Onda Verde na América Latina. *Brasil de Fato*, set, 2023. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/28/mulheres-vao-as-ruas-pela-legalizacao-do-aborto-para-que-brasil-se-some-a-onda-verde-latino-americana> Acesso em 09 ma. 2024.

MORAES, Fernanda Silva de. Um Brasil de “aias”: a distopia do mundo real acontece aqui. *Jornal Nota*, 16 jun. 2024. Disponível em: <https://jornalnota.com.br/2024/06/16/um-brasil-de-aias-a-distopia-do-mundo-real-acontece-aqui/> . Acesso em 24 nov. 2025.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativada história do presente. Belo Horizonte: *Compós*, 2004.

Organização Mundial da Saúde. *Diretrizes para o cuidado do aborto*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/355465/9789240051447-por.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PAIERO, Denise. Corpo em protesto. In: PAIERO, Denise; BAITELLO, Norval Jr; MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Os símbolos vivem mais que os homens*: ensaios de comunicação cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006, 167 - 183.

PALOMBO, Giovanna Silva. *O debate jurídico no Brasil atinente ao aborto legal entre 2018 e 2020: uma análise à luz da biopolítica e da necropolítica*. Universidade Estadual de Londrina, 2021.

POTECHI, Bruna. O Estatuto do Nascituro: quando os documentos legislativos constroem pessoas. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 22, p. 1-384, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/80910/84552> . Acesso em: 06 mai. 2025.

PORTAL CATARINAS, Madeline Brewer: os paralelos entre o Conto da Aia e a realidade. *Portal Catarinas*, 12 abr, 2025. Disponível em: <https://catarinas.info/madeline-brewer-os-paralelos-entre-o-conto-da-aia-e-a-realidade/> . Acesso em 24 nov. 2025.

PIRES, Elaine Muniz. Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do grupo folha (1978/2004). *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 305-313, dez. 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/bruna/Downloads/2224-Texto%20do%20artigo-4473-1-10-20091109%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/bruna/Downloads/2224-Texto%20do%20artigo-4473-1-10-20091109%20(1).pdf) . Acesso em 14 jul. 2025.

PRIORE, Mary Del. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005.

QUINTEIRO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Concha. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. São Paulo: MASP, 2019.

RAMALHO, Renan. Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada. *GI*, São Paulo, 21 jul. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>. Acesso em 17 jul. 2024.

RESENDE, Yuri Barbosa. Oscar Wilde e a moral burguesa vitoriana institucionalizada: reflexões sobre os motivos de uma morte social. *Revista Ensaios*, v. 18, jan-jun, 2021, p.70-88.

ROCHA, Diego Nunes; Alves, Schirlei. Brasil tem uma morte a cada 28 internações por falha na tentativa de aborto. *Brasil de fato*, 23 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/23/brasil-tem-uma-morte-a-cada-28-internacoes-por-falha-na-tentativa-de-aborto>. Acesso em 10 dez. 2024.

ROCHA, Luciano Daudt da; DUWE, Ricardo. Feridas abertas e processos inconclusos: o fantasma da guerra civil e os eventos de janeiro de 2021 nos Estados Unidos. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 36, e0107, set. 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338175522009/338175522009.pdf>. Acesso em 20 out. 2025.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 34. e238917, 2021, pp 1-54. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/NFdhTdVVLSPRHZdDzVpBYMq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 21 jan. 2025.

SANTOS, Ana Carolina Vila Ramos dos. Tornar-se feminista no século xxi: feminismo na adolescência, redes sociais e mundialização. V Congresso Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales. “Democracia, justicia e igualdad”, *FLACSO*, Uruguay, 2022. Disponível em: <https://congreso.flacso.edu.uy/wp-content/uploads/2023/05/EJE50080787.pdf>. Acesso em 21 jan. 2025.

SANTOS, Maciel; SANTANA, Gilmar. Das telas para as ruas: o envolvimento político de *The Handmaid's tale* com a atualidade. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*. Acre, v.9, n1, 2020.

SAMPAIO, Ariane Silva da Costa; FARIAS, Washington Silva de. O corpo em (dis)curso: dominação e resistência no Conto da Aia. *Raído*. Dourados, v. 14, n. 35, mai – ago, 2020.

SANTOS, Ana Mabell Seixas Alves. SANTOS, Patricia Seixas Alves Santos. “Nenhuma a menos”: olhares sobre o miércoles negro em Buenos Aires. *Nova Revista Amazônica*, IV – Volume 3, dez, 2016.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes. Movimento #EleNão: reconhecimento e afirmação do ato de fala das mulheres na política. *Educação*, Santa Maria, v. 45, p. 1-24, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v45/1984-6444-edufsm-45-e36458.pdf>. Acesso em 03 jan. 2026.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e; CHACHAM, Alessandra Sampaio. De “merdalheres” a “conservadias”: o discurso de ódio masculinista. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.31.1, jan./jun., 2024, p.252-275.

SILVA, Mayra Goulart da; RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro. *Mediações: Revista de Ciências Sociais - O Populismo e a Construção Política do Povo*, vol. 26. n. 1, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/42098> Acesso em 20 fev. 2025.

SILVA, Thiago Mikael; MARTINS, Alberto MESAQUE. A legalização do aborto no Brasil ao longo da história: avanços e desafios. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer* - Enero-Junio, 2015 - vol. 20, n. 44, p. 197-214.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. São Paulo: *Líbero*, v. 14, n. 28, dez. 2011, p. 129-140.

SOARES, Amanda Cantu Rodrigues Soares; MAZZARINO, Jane Márcia. Feminismo na Internet: como as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da quarta ou da feminista no Brasil. Universidade de Lima: *Contratexto*, n. 36, p. 261-286, 2021. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5706/570671147010/html/?utm_source=chatgpt.com Acesso em 06 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SORJ, Bila. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. V. 43. n. 149. p. 478-491, maio/agosto. 2013.

SUDRÉ, Lu. *Apologia de Bolsonaro à exploração sexual de brasileiras é repudiada nacionalmente*. Brasil de Fato, abri, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/30/apologia-de-bolsonaro-a-exploracao-sexual-de-brasileiras-e-repudiada-nacionalmente> . Acesso em 17 jul. 2024.

TAVARES, Luma Lopes; FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias. Estatuto da Família: retrocesso na ampliação do conceito de família. *Leopoldianum*, ano 43, 2017, n. 121.

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: Performance e Memória Cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TELO, Florita Cuhanga Antônio. Direitos reprodutivos e (des)colonização: notas preliminares sobre a colonialidade dos direitos reprodutivos. *Cadernos de gênero e diversidade*, 2019, p. 199-2018.

TESSER, Tabata Pastore. 5 vezes que O Conto da Aia virou pauta no Brasil. *Portal Catarinas*, 17 abr, 2025. Disponível em: <https://catarinas.info/5-vezes-que-o-conto-da-aia-virou-pauta-no-brasil/> . Acesso em 24 nov. 2025.

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão. Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado. R. Katál., Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 597-606, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/sRDPf3Vy7nVJDswQ9vc5ftp/?format=html> . Acesso em 30 nov. 2024.

VEJA, Argentinas pró-aborto protestam com trajes de “O Conto da Aia”. *Veja - Abril*, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/argentinas-pro-aborto-protestam-com-trajes-de-o-conto-da-aia> . Acesso em 06 dez. 2023.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WELLE, Deutsche. A história de Jina Mahsa Amini, o rosto dos protestos no Irã. *G1 – Grupo Globo*, 06 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/12/06/a-historia-de-jina-mahsa-amini-o-rosto-dos-protestos-no-ira.ghtml> . Acesso em: 06 nov. 2025.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Wendy Barbosa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Disponível em: https://culturaemarxismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/raymond-williams-marxismo-e-literatura.pdf?utm_source=chatgpt.com Acesso em 22 fev. 2025.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ZENIDARCI, Soloni Maria Rampin; SILVA, Elissa Schpallir. *Ativismo Feminista Online: O Caso da Hashtag #primeiroassedio*. Curitiba: *Intercom*, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0603-1.pdf> . Acesso em 14 nov. 2024.